

Guterres ou a reinvenção do multilateralismo

Este é um momento crítico para a governança global: ou colapsa ou avança. Para que avance, é preciso reinventar o multilateralismo e renovar o sistema das Nações Unidas. Não é coisa pouca, mas Guterres tem uma ideia.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 12 de Janeiro de 2022

Em Portugal ninguém parece ter dado por isso, mas António Guterres iniciou na semana passada o seu segundo mandato como secretário-geral da ONU. No primeiro, esteve entre o fogo cruzado dos EUA e da China. Enfrentou o ataque da administração Trump ao multilateralismo e a retracção americana no sistema das Nações Unidas e teve que acomodar a ofensiva de Xi Jinping para ocupar o vazio deixado pelos EUA e aumentar a influência da China na ONU.

Atravessou tempos difíceis de tensão geopolítica e crises globais: a pandemia, a mudança climática, as desigualdades crescentes; as vulnerabilidades digitais e as ameaças tradicionais, da proliferação nuclear à gestão de crises. E tudo isso, na maioria das vezes, sem consenso e com a paralisia do Conselho de Segurança, o que reduziu drasticamente a margem de manobra do secretário-geral.

Foi criticado por evitar as questões difíceis, por não confrontar os grandes e pelo desempenho discreto na manutenção da paz. Guterres preferiu outra estratégia e outras prioridades: sempre considerou que a confrontação não produz resultados e às questões da segurança tradicional preferiu as da segurança humana: o clima, as vacinas, a pobreza ou o digital.

O segundo mandato pode ser diferente, mas as dificuldades não serão menores. A hostilidade de Trump foi substituída pelo empenho de Biden, mas a rivalidade entre a China e os Estados Unidos persiste, como persiste o revisionismo agressivo da Rússia. E o mesmo acontece com a pandemia, o aquecimento global e as desigualdades. E são muitas as crises internacionais no horizonte, do Afeganistão à Síria, da Ucrânia a Taiwan.

Ora, os problemas globais exigem respostas globais e, precisamente, no momento em que a cooperação internacional é mais necessária, é quando ela é menos efectiva. Este é um momento crítico para a governança global: ou colapsa ou avança. Mas, para que avance, é preciso reinventar o multilateralismo e renovar o sistema das Nações Unidas. Não é coisa pouca, mas Guterres tem uma ideia. Uma ideia ousada, com objectivos ambiciosos, mas estratégias pragmáticas.

Chama-se “Nossa Agenda Comum”, é um roteiro para uma nova governança global e todo um programa para o seu segundo mandato. Propõe uma nova Agenda para a Paz, numa concepção de segurança alargada que põe a tónica menos na manutenção da paz e mais na prevenção de conflitos. E que procura reduzir os riscos da proliferação nuclear, da ciberguerra e da militarização do espaço sideral.

Propõe, igualmente, um Pacto Digital Global que mitigue os riscos da Internet e potencie as oportunidades das novas tecnologias incluindo a Inteligência Artificial. Desde os tempos da Internacional Socialista que Guterres defende a ideia de um Conselho de Segurança Económica e Social na ONU, ideia que revisita, agora, com o convite aos estados e às instituições financeiras internacionais para redesenhar a governação económica mundial num sentido mais equitativo e mais sustentável.

Outra das prioridades é a melhoria da gestão multilateral dos *global commons* - a atmosfera, o alto mar, a Antártida e o espaço sideral - e o alargamento e reforço dos bens públicos globais como forma de minimizar as ameaças e riscos ao planeta e à segurança humana.

Claro que nenhum destes objectivos é possível sem mudanças institucionais no funcionamento da ONU. Sem afrontar a reforma do Conselho de Segurança, propõe um reforço da dimensão consultiva e participativa com maior representação da sociedade civil e em particular da juventude dentro do sistema das Nações Unidas.

Finalmente, o compromisso com o Futuro. Não só o reforço da dimensão de análise prospectiva com a criação de um Laboratório dos Futuros, mas sobretudo o compromisso ético e político com as novas gerações. Tudo deve culminar na Cimeira sobre o Futuro em 2023. Claro que o sucesso da ideia dependerá do empenhamento dos estados e, como sempre, a geopolítica vai atrapalhar a sua concretização. Mas independentemente disso, a ideia vale por si. Guterres sempre teve sentido estratégico e uma ideia para o futuro. Teve-a para Portugal quando primeiro-ministro, teve-a para a Europa na presidência portuguesa da UE em 2000 como a tem agora para a governança global.

Guterres costumava dizer que Portugal tem uma política externa à dimensão da sua história, não da sua geografia. Ironia da própria história, tornou-se ele mesmo o melhor exemplo dessa característica portuguesa. Afinal não é todos os dias que Portugal tem o secretário-geral da ONU.

<https://www.publico.pt/2022/01/12/opiniao/opiniao/guterres-reinvencao-multilateralismo-1991581>